

A militarização do gigante

Enquanto um setor do exército pressiona o poder político diante da possibilidade de morte do líder Deng Xiaoping, a China eleva seu orçamento militar

Yojana Sharma

As nações asiáticas manifestaram sua inquietação depois de se saber que a China poderia incrementar em 25% seu orçamento militar este ano. Segundo fontes chinesas, o orçamento para este ano será de cerca de 7,8 bilhões de dólares, um quarto a mais que em 1994.

O aumento, o maior registrado desde 1979, quando Deng Xiaoping destinou recursos da Defesa para a economia, coincide com a postura agressiva de Beijing (ex-Pequim) em relação às Ilhas Spartly, localizadas no mar da China do Sul.

Disputa antiga - A China mantém uma disputa com as Filipinas sobre uma parte dessas ilhas, supostamente ricas em petróleo e reclamadas também por Vietnã, Malásia e Formosa. As Filipinas garantem que em um arrecife das ilhas - cuja soberania reivindica - tremula atualmente uma bandeira chinesa, e apresentou fotografias como prova. O governo filipino, que também se queixou de ter visto na zona barcos chineses, aparentemente de guerra, reagiu enviando aviões de caça para a região.

Por sua vez, a Índia observa com desconfiança os planos da China no

Oceano Índico, principalmente a cooperação militar de Beijing com Birmânia.

Segundo o semanário *Jane's Defense*, em 1994 a China assinou um contrato com a Rússia para a aquisição de quatro submarinos. O contrato, de um bilhão de dólares, significou para a frota de Beijing, "um grande salto tecnológico". Agora, teme-se que estes barcos sejam utilizados com intenções expansionistas, afirmou o jornal.

Pressões militares - O periódico de Hong Kong *Eastern Express* informou que o governo da China aprovou o aumento do orçamento da Defesa a começo deste ano, apesar das tentativas de funcionários da área de Economia de aplicar medidas de austeridade. As tentativas de conter os gastos militares teriam sido frustradas por insistentes pressões de um setor do exército, sinal de uma crescente influência das forças armadas na estrutura de poder ante a possibilidade de um rápido falecimento do líder Deng Xiaoping.

Ziang Zemin, atual secretário geral do Partido Comunista da China, considerado um seguidor de Deng e seu provável sucessor, carece de força nos meios militares, embora tenha promovido generais leais a posições-chaves para tentar conseguir um respaldo maior quando chegar a hora da sucessão para chefe de governo.

De acordo com meios diplomáticos, Ziang, que encabeça a Comissão Militar do Partido Comunista, desautorizou as objeções ao orçamento da Defesa apresentadas pelo Ministério da Economia e aprovou as exigências orçamentárias do exército com poucas emendas.

O alto comando militar pede um aumento de salário para seus efetivos, a fim de recuperar a perda do poder aquisitivo dos soldados causada por um aumento de 22% da inflação no ano passado. Há previsão de que a alta dos preços supere este ano 15%. ■

Deng, um reformista

Em 1976, quando faleceram Mao Zedong (Mao Tsé Tung) e outros velhos líderes do Partido Comunista, ocorreu uma acirrada disputa interna. Os líderes da facção maoísta - conhecidos como "o bando dos quatro", entre os quais estava a viúva de Mao - foram detidos em 1981 e condenados.

Vários ex-funcionários do governo, autoridades do partido e intelectuais que tinham sido destituídos durante a chamada Revolução Cultural (1966-76) foram reabilitados. Deng Xiaoping encontrava-se entre eles. Embora formalmente não tenha sido declarado líder, a autoridade de Xiaoping foi reconhecida dentro e fora do país. Em dezembro de 1978, no terceiro plenário do 11º Comitê Central do Partido, foi reabilitado. Desde então promoveu um período reformista, caracterizado por mudanças radicais na economia.

O debate levado a cabo entre os dirigentes em relação ao ritmo e ao alcance das mudanças econômicas chegou até a discussão sobre a separação entre o partido e o Estado. Os partidários de Deng reivindicavam uma maior descentralização, enquanto que os dirigentes mais antigos solicitavam maior obediência aos princípios ideológicos originais.

Em 1986, os setores conservadores iniciaram uma campanha contra o "liberalismo burguês" e as "idéias ocidentais" dos seguidores de Deng, debate que continua até hoje.

Embora, segundo diferentes fontes, ele esteja moribundo, o veterano líder, de 90 anos, foi confirmado na Presidência da Assembléia do Povo (o Parlamento chinês), na última sessão plenária anual, que normalmente acontece todo mês de março. Durante esta plenária, segundo vazou para a imprensa, pela primeira vez os deputados exigiram da cúpula dirigente maior poder político.